

Zélia M. Bora

A Diáspora afro brasileira em *Úrsula* de Maria Firmino dos Reis

Certamente, nenhum dos românticos canonizados representou de forma mais detalhada imagens sobre a nação e os efeitos da diáspora afro-brasileira, como a escritora Maria Firmino dos Reis (1825-1917). Publicado em 1859, o romance *Úrsula* antecipa a obra do poeta abolicionista Castro Alves, cuja produção vai de 1876 a 1883; a obra de Joaquim Manoel de Macedo, *Vítimas-algozes* (1869) e a *Escrava Isaura* (1875), de Bernardo Guimarães. Entretanto, o mérito de sua obra deve-se ao fato de ser o primeiro romance¹ escrito como produção de autoria afro-descendente. Conforme destacou Charles Martin, no prefácio da terceira edição, o negro não é apenas colocado na trama em pé de igualdade frente ao rico cavaleiro, mas que isso ele é a "base de comparação" para que o leitor aquilate o valor do jovem herói branco². Entretanto, como se pode imaginar, nem a escritora, nem a perspectiva relevante dada aos seus protagonistas principais foram levadas em consideração pela crítica hegemônica e masculina da época, notadamente a partir da historiografia literária, canônica de críticos consagrados como foram os casos de José Veríssimo e Sílvio Romero, com exceção de Sacramento Blake e Raimundo Menezes. Somente a partir da edição fac-similar preparada por Horácio de Almeida e vinda a público, em 1975, é que o romance *Úrsula* passou ao conhecimento dos estudiosos. Também em 1975, foi publicado o volume *Maria Firmina, fragmentos de uma vida*, de Nascimento Morais Filho e Josué Montello, conterrâneos da autora (nascida em São Luiz do Maranhão), que lhe dedicaram um artigo no *Jornal do Brasil*, publicado no ano seguinte em espanhol na revista *Cultura Brasileira*. Os estudos de Charles Martin, no prefácio da terceira edição (1988), o artigo de Luiza Lobo (1993) e o estudo assinado por Zahidé Muzart (2000), completam a recepção crítica sobre a autora e obra [267]. É, portanto, objetivo principal de nosso trabalho, iniciar uma reflexão sobre as possíveis definições estéticas representadas na narrativa sobre a nação e identidade, especialmente, levando-se em consideração a relação simbólica de pertinência e não pertinência do sujeito afro-brasileiro no espaço nacional e, assim, contribuir para o resgate de tão importante obra da literatura brasileira. Para tanto, consideramos a questão da identidade, na obra, a partir de três aspectos: o primeiro deles, no que se refere à invenção que a própria escritora possui sobre si mesma, como uma mulher de cor e intelectual brasileira no século XIX; a segunda, a partir de como estão representados os sujeitos nacionais no romance *Úrsula* e o terceiro, como a escritora estabelece no romance a relação ideológica entre o mundo ficcional e mundo "real", no que se refere ao projeto nacional de criação da identidade nacional e a importância da obra nesse contexto.

Consideramos como impensável conceber-se a idéia de literatura brasileira,

¹ Veja-se, Eduardo de Assis Duarte, "Maria Firmino dos Reis e os primórdios da ficção afro-brasileira". Em: Posfácio, *Úrsula*, Editora Mulheres/PUC Minas, Florianópolis/Belo Horizonte, 2004 p.273.

² Citado por Eduardo de Assis Duarte, p. 273.

especialmente a literatura do século XIX, como uma literatura que tenha sido criada fora do projeto de formação de uma literatura nacional, a partir da qual as elites procuravam organizar politicamente e intelectualmente a nação, através de uma literatura escrita predominantemente por homens, pertencentes a grupos e espaços hegemônicos. Muito embora, as mulheres se situassem fora desse projeto, pelo tratamento social as que estavam submetidas, nenhum escritor ou escritora do século XIX, no Brasil, desconhecia a intenção das elites hegemônicas em organizarem historicamente a nação *ficcional*, através da qual representavam a sociedade suas tensões e naturalmente projetavam sobre essa literatura suas tentativas de homogeneização de uma identidade nacional³. Entretanto, a própria literatura criada, através das margens de seus textos, demonstrava a fragilidade do projeto de homogeneização da identidade nacional, uma vez que a sociedade brasileira estava sendo construída na realidade, a partir de profundas contradições sociais motivadas pelo desejo de preservação do *status quo* das classes dirigentes, e a implementação dos modelos europeus para uma realidade inteiramente diversificada, como foi o caso do Brasil⁴. Como é possível depreender-se o romance em questão não pode ser excluído dessa conjuntura histórica, independentemente, de sua aceitação ou não pela crítica na época de sua publicação ou não. Interessa-nos agora, entender como a escritora Maria Firmina dos Reis, nessa conjuntura, delimitou o seu projeto ficcional de nação, a partir desses condicionamentos históricos, quando então tentaremos conceitualizar, através do texto, as visões estéticas sobre a nação brasileira e o lugar social dos afro-descendentes debatido ao longo do romance. Delinear tais especificidades relacionadas à narrativa aprofunda a experiência afro-brasileira, para além da dialética maniqueísta que caracterizam as relações entre sujeito e objeto como esperamos demonstrar através da análise do romance. Antes de focalizarmos as imagens e auto-imagens utilizadas pela voz narrativa, no romance, gostaríamos de direcionar a nossa discussão para um último aspecto ligado aos efeitos da diáspora expressa, através da seguinte pergunta: como é imaginada a terra de origem, e o Brasil para os personagens africanos e afro-brasileiros no romance? A partir dessas questões, tentaremos entender um pouco mais o legado da escravidão no Brasil e, conseqüentemente, a natureza de pertencimento da experiência afro-brasileira no espaço nacional.

Maria Firmina, a "invenção" de si própria e a "invenção" do outro como sujeitos nacionais

Os indivíduos de uma nação são formados, a partir de perspectivas sociais relativamente definidas, entretanto, definem-se como portadores de signos de identidade étnica, de classe e de gênero. A esse respeito, a experiência de Maria Firmina dos Reis tornou-se emblemática no século XIX, como um segmento específico da nação, definido através de uma mulher de cor e pobre, porém intelectual. As condições históricas reinantes foram determinadas pelo despotismo da horda patriarcal, que no Brasil preservava certas estruturas arcaicas, como foi o

³ Veja-se Zélia .M. Bora. *Naciones (Re)construídas: Política Cultural e Imaginación*.

⁴ Veja-se Roberto Schwarz. *Um Mestre na Periferia do Capitalismo: Machado de Assis*.

caso da escravidão, à medida que novos sujeitos iam sendo "criados" sob uma organização social que conferia a si própria a auto-imagem de uma pretensa nação civilizada e liberal como uma visão profundamente contraditória.

Em meio a todas essas contradições, enquanto regulamentava-se a ambígua inclusão⁵ dos afro-descendentes no processo civilizatório e modernizante da sociedade brasileira no século XIX, nasceu Maria Firmina dos Reis, em 1825. Mulata, bastarda, prima do escritor maranhense Sotero dos Reis, por parte de mãe⁶, em 1830, ela mudou-se com a família para a vila de São José de Guimarães, no continente, município de Viamão, no Maranhão. Viveu parte de sua vida na casa de uma tia materna "melhor situada economicamente"⁷. Em 1847, concorreu a cadeira de instrução primária nessa localidade e, sendo vencedora, exerceu a profissão, como professora de primeiras letras entre 1847 a 1881 [1]. O romance *Úrsula*, publicado em 1859, foi o primeiro romance abolicionista brasileiro e, desde então, Maria Firmina dos Reis colaborou assiduamente com vários jornais literários, entre eles, *A Verdadeira Marmota*, *Semanário Maranhense*, *O domingo*, *O País*, *Pacotilha*, *Federalista* [1]. Desta maneira, Maria Firmina, a exemplo de muitos intelectuais de descendência afro-brasileira de seu tempo, decidiu a sua história, por assim dizer, que lhe correspondia, "obedecendo" gradativamente a dinâmica social instaurada como parte do processo de formação da nação brasileira. Pois como é sabido as nações são

produtos instáveis de vastos e também instáveis exercícios signícos, genericamente discursivos, que socialmente costumam competir com os produtos elaborados por outros sujeitos sociais, da mesma maneira e sobre o mesmo assunto. Certamente, o fato não é que as nações não sejam "reais" (insisto: elas o são com a realidade que é própria da história), mas de nenhuma maneira são independentes das operações discursivas que de uma ou outra forma as produzem. Radicalizando a proposta: as nações são feitas também e (sobretudo?) de discursos⁸.

Inseridos no processo nacional, todos os indivíduos africanos e afro-descendentes, no Brasil do século XIX, passaram a "construir" a sua versão própria de nação, através de suas experiências sociais e coletivas que juntas foram submetidas a

⁵ Destaquem-se os mecanismos utilizados pelas elites no Brasil, que certamente possibilitavam certa integração social de muitos indivíduos afro-brasileiros, sobretudo mulatos. Como mestiços, eles tornavam-se "aptos" de acordo com a ideologia do embranquecimento, ao processo civilizatório que tinham, em mente. Entretanto, contraditoriamente, preservaram as argumentações racistas da ideologia européia sobre a inferioridade dos negros.

⁶ Francisco Sotero dos Reis, São Luiz do Maranhão, (1800 1871). Distingui-se como gramático e filólogo. Lente de latim e primeiro diretor do Liceu Maranhense. Fundou Jornais. Autor do Curso de Literatura Portuguesa e Brasileira, muito citado e consultado à época. "Mas é claro que sua obscura prima aí não teve entrada!". Citado por Zahidé Lupinacci Muzart, "Maria Firmina dos Reis", em: *Escritoras Brasileiras do Século XIX*.

⁷ Veja-se Maria Lúcia de Barros Mott. *Submissão e resistência. A mulher na luta contra a escravidão*.

⁸ Veja-se Antonio Cornejo Polar, *O Condor Voa: Literatura e Cultura Latino-Americanas*, p. 58.

uma dinâmica global, que "incluía" certos indivíduos como parte do discurso hegemônico, enquanto a grande maioria da população afro-brasileira permaneceu ausente do processo de modernização, garantindo, dessa forma, a manutenção do *status quo* dos habilidosos grupos tradicionais.

Sem o apoio de uma elite intelectual e econômica afro-descendente, a experiência coletiva da população tornou-se mais e mais fragmentada em seu sentido de luta e combate ao racismo. Assim, cada sujeito social afro-descendente, que teve como "garantida" a ascensão social, construiu a sua história social "longe" do grupo étnico ao qual pertencia. Embora a rigor, jamais pudesse fugir de sua negritude sempre evidente que ele "negociava" dentro de um jogo de pertencimento e ausência dos grupos hegemônicos. Para evocar a experiência de pertencimento nacional, os românticos, criaram diversas redes metafóricas associando o sujeito a nação, a família, e a filiação, como metáforas do termo nação. Recriar um novo sujeito, a partir da experiência traumática da história, significou para experiência, indígena e afro--brasileira forjar um sentido de pertencimento, que não correspondia à experiência do grupo social em termos de cidadania gerando uma ansiedade cultural permanente sobre o indivíduo, enquanto ser social, frente ao novo pacto de formação nacional. Como um intelectual afro-brasileiro poderia falar então de sua opressão? Quais outros termos acessórios o sujeito poderia utilizar a fim de revalidar a sua versão de história e seus dilemas na construção de sua penosa identidade? Restando-lhe poucos caminhos, sobretudo, no caso de Maria Firmina, só lhe restou a criação de visão crítica diferenciada frente aos demais discursos, como mulher, intelectual e negra, não pertencente a nenhum grupo metropolitano. Conseqüentemente, o seu discurso simbólico sobre a nação, será narrado a partir da perspectiva dos sujeitos oprimidos, como uma pluralidade de indivíduos, entre homens negros e mulheres negras e brancas criando dessa forma, um sentido bem mais abrangente de alteridade. Tal visão sobre a nação no século XIX, certamente, constitui uma marca diferenciadora dentro da literatura brasileira da época, em que todos os sujeitos marginalizados encontravam-se sob a tutela do discurso patriarcal que não os excluía de seus domínios, bem como seus descendentes masculinos. No romance em questão, vítimas de uma mesma ordem, todos se rendem, tragicamente, a sua força no final. Ao contrário do que mostram muitos romances da época, escritos por seus companheiros *Úrsula* é a história trágica de uma sociedade submetida às contingências arbitrárias da ordem patriarcal. A partir dessa constatação, observa-se que na representação romanesca de Maria Firmina, a idealização da família burguesa e a sua preservação estavam em risco, caso, a razão patriarcal insistisse, através de seus patriarcas sanguíneos, em dar continuidade a uma organização social arbitrária. Tal organização tinha a violência como um fator determinante, punindo até mesmo, os seus descendentes contrários à ordem, como foi o caso do personagem Tancredo, que cedendo as pressões paternas, é enganado pelo pai, que impede a sua união carnal com Adelaide, que se casa posteriormente com o pai de Tancredo. Para exemplificar o conflito principal do romance, diríamos que à ordem patriarcal defronta-se com a sua versão mais jovem, que é derrotada ao tentar por fim aos seus domínios. Nesse caso, a discussão sobre a formação da nação e com ela a da modernidade da sociedade brasileira não poderia excluir do seu

entendimento as marcas de expropriação perpetradas pelo sistema patriarcal sobre os seus sujeitos, sob as formas de dependência psicológica, genocídio e escravidão. Tais fissuras, que certamente impediam um processo pleno de formação de uma consciência nacional, foram interpretadas por intelectuais não conservadores em países hispânicos⁹ (um fato que também aplica-se ao Brasil), como carências reparáveis mediante políticas adequadas, desde a extensão dos programas educativos uniformizadores, que incluíssem a alfabetização de todos, independentemente de classe, gênero, ou raça. Um programa dificilmente posto em andamento nos finais do século XIX no país como um todo, entretanto, essa proposta foi não surpreendentemente colocada em prática no Estado do Maranhão, pela própria Maria Firmina dos Reis, que, em 1880, fundou uma escola gratuita para crianças de ambos os sexos. Segundo Raimundo Meneses, essa escola mista, "escandalizou os círculos locais, em Maçarico [...] e, por isso, a professora foi obrigada a suspendê-la depois de dois anos e meio". Ainda, segundo Nascimento Morais Filho, a escola mista de Maria Firmina dos Reis e seu pioneirismo subversivo de 1880 tornou-se "uma revolução social pela educação e uma revolução educacional pelo ensino".¹⁰ No mesmo ano, conquistou o primeiro lugar em História da Educação Brasileira, recebendo o título de Mestre Régia. Em 1881, mesmo aposentada do ensino público oficial, ela continuou lecionando no povoado de Maçarico aos filhos de lavradores e de fazendeiros, permanecendo fiel a sua vocação. Portanto, absorvendo a "vocação da homogeneidade" intelectual conferida a certos homens de cor, Maria Firmina conseguiu transformar o seu ideal em uma prática social, para além dos limites estabelecidos à sua condição de mulher negra, mantendo-se fiel aos seus princípios éticos e a sua missão como educadora. Foi através da educação, que Maria Firmina dos Reis, entendeu melhor os mecanismos sociais de exclusão dentro da sociedade "liberal", e entendeu que, sem a educação, não poderia haver saída mais adequada à mobilidade social para as pessoas de cor. Enquanto permanecesse longe dela, os afro-descendentes reduziriam ainda mais drasticamente a sua inclusão na comunidade imaginada, a qual tinham direito.

Como trabalho intelectual, o romance *Úrsula*, situa-se como um espaço de reinvenção simbólica da identidade pessoal de sua escritora, e também na reinvenção de outros sujeitos, através dos quais simbolicamente, as suas condições de brasilidade serão construídas. Aliás, esse aspecto é crucial para entendermos as imagens de exílio na memória dos africanos e afro-descendentes no romance. Portanto, a busca de legitimidade intelectual e social encontra-se atrelada a afirmação de negritude da escritora como um ser social. Não há para ela uma outra maneira de forjar um novo sujeito, a não ser a partir da escrita. É através dela que a escritora busca justiça social, muito embora, suma aparentemente certa atitude de timidez e humildade próprias do discurso feminino na época, como uma estratégia de negociação entre o seu mundo privado e a comunidade em que vivia. Desta maneira, as justificativas apresentadas no prólogo constituem muito mais uma estratégia discursiva, através da qual ela espera atrair a comoção crítica, do que a

⁹ Veja-se Antonio Cornejo Polar em *O Cordor Voa*.

¹⁰ Citado por Zahidé Lupinacci, "Maria Firmina dos Reis", p. 1.

demonstração servil de sua inabilidade literária¹¹, embora a cautela fosse recomendável tanto para ela, como para qualquer indivíduo de origem afro-brasileira, que desejasse expressar sua opinião sobre os problemas nacionais na época, sobretudo, a escravidão, sob pena de tornar-se excluído do convívio intelectual, única forma de protesto e de reconhecimento social "oferecido" ao negro na época, pelos grupos hegemônicos.

Para tanto, o seu modelo de acesso à discussão sobre a escravidão, pautava-se na argumentação abolicionista da época, que por sua vez, via no ideal cristão de igualdade entre os homens, a sua pauta reivindicatória abolicionista¹². Era, portanto, através da vida intelectual, que muitos afro-brasileiros tinham por garantida a sua brasilidade. Afastar-se dela, seria forjar uma memória diferente dos condicionamentos históricos que lhe foram impostos. Assim, a partir do momento em que o primeiro homem negro nasceu em solo brasileiro, livre ou não ele teria que "forjar" uma nova identidade que lhe permitisse o acesso a outras formas discursivas. No caso de nossa escritora, foi pelo romance que ela se transforma em sujeito de sua própria enunciação, podendo ao mesmo tempo, experimentar uma série de posições discursivas, como uma mulher e intelectual negra que como acreditava, "não tivesse o esmero de conhecimentos que os seus compatriotas homens" teria ainda como uma mulher, que só possuía "a língua de seus pais" (isto é o português do Brasil) que lutar por sua auto-identificação, esperando chegar a posteridade, como de fato chegou. Analisando, ainda, o seu estilo nota-se que a eficiência de sua modéstia, encontra-se aliada, também, a um outro elemento importante, o apelo ao sentimento maternal dos leitores¹³, empregando, dessa vez, imagens da maternidade feminina, correlacionadas estilisticamente ao ato "natural da procriação", reafirmando simultaneamente a sua condição de mulher, como mãe e como escritora. Juntos as duas dão a luz a um ser vivo, que para a escritora é sua escritura. O romance *Úrsula* torna-se então a sua hereditariedade, por suas marcas históricas. Embora, acreditasse que, do ponto de vista estrutural, o seu romance fosse ainda um trabalho imaturo, Maria Firmina, tinha plena consciência sobre a importância de sua obra e acreditava que ela pudesse servir de fonte de inspiração para outras mulheres, encorajando-as a expressarem as suas opiniões e debaterem questões importantes para época, como foi o seu romance. É essa a mensagem

¹¹ "Mesquinho e humilde livro é este que vos apresento leitor. Sei que passará entre o indiferentismo glacial de uns e o riso mofador de outros, e ainda assim dou lume. Não é a vaidade de adquirir nome que me cega, nem o amor próprio de autor. Sei que pouco vale este romance, porque escrito por uma mulher, e mulher brasileira, de educação acanhada e sem trato e conversação dos homens ilustrados, que aconselham, que discutem e que corrigem, com uma instrução misérrima, apenas conhecendo a língua de seus pais, e pouco lida, o seu cabedal intelectual é quase nulo Maria Firmina dos Reis, Prólogo do Romance *Úrsula*, p. 13.

¹² Veja-se de Maria Firmino dos Reis o conto "A escrava", em: *Úrsula*, p. 238-262.

¹³ "O nosso romance, gerou-o a imaginação, e não soube colorir, nem aformosentar. Pobre avezinha silvestre anda terra a terra, e nem olha para as planuras onde gira a águia. Mas ainda assim, não o abandoneis na sua humildade e obscuridade, senão morrerá à mingua, sentido e magoado, só afagado pelo carinho materno."(...) deixai pois que a minha ÚRSULA, tímida e acanhada, sem dotes da natureza, nem enfeites e louçanias dê-te caminhe entre vós", Maria Firmina dos Reis, Prólogo do romance *Úrsula*, p. 14.

essencial do romance *Úrsula*, que chega a nossa contemporaneidade como um "código lingüístico" que estabelece um vínculo entre a alienação cultural como um legado da diáspora e a recriação de uma nova identidade como parte da experiência afro-brasileira, no espaço nacional, marcado pela conquista, expropriação, genocídio e escravidão. Como estas últimas palavras, a escritora despede-se de seus leitores,

Não a desprezeis antes amparai-a nos seus incertos e titubeantes passos para assim dar alento à autora de seus dias, que talvez com essa proteção cultive mais o seu engenho, e venha a produzir cousa melhor, ou quando menos, sirva esse bom acolhimento de incentivo para outras, que com imaginação mais brilhante, com educação mais acurada, com instrução mais vasta e liberal, tenham mais timidez do que nós. (14)

Úrsula e os Outros sujeitos no espaço nacional

O romance *Úrsula*, cujo nome foi dado a partir de sua heroína branca, envolve uma curiosa dimensão entre raça, cultura e gênero, como parte das representações da condição da mulher brasileira no século XIX, textualizada a partir da perspectiva de uma intelectual negra. Dividido em vinte capítulos e um epílogo, o romance é construído a partir da perspectiva de uma voz narrativa na terceira pessoa, que filtra os fatos numa intersecção entre raça e gênero, em um espaço geográfico, onde são oprimidos de igual modo personagens brancas e negras. São elas o jovem escravo Túlio, pai Antero e a escrava Susana, por um lado, e de Tancredo, jovem bacharel em direito, Úrsula, e a sua mãe Luísa por outro. Na primeira parte da narrativa, Túlio encontra Tancredo ferido nos arredores da fazenda e o ajuda posteriormente, levando-o para a fazenda que tem como proprietárias Úrsula, e Luísa, sua mãe enferma. Como pôde-se perceber, Maria Firmina, reitera desde o início até o fim do romance, a predominância dos cânones dominantes do enredo, pois todos os personagens encontram-se na dependência do domínio patriarcal, tanto no que se refere ao domínio sexual, como são os casos de Úrsula e Tancredo quanto ao étnico-cultural. Tal dependência leva-os irremediavelmente ao fracasso e morte diante da vontade patriarcal. Desejada por seu tio, Úrsula refugia-se na loucura, após ter a sua vida arruinada pela impossibilidade de ser feliz com o homem que ama, Tancredo, que por sua vez é assassinado pelo incestuoso comendador Fernando. A derrota de seus personagens não é, entretanto, a derrota da narrativa, uma vez que ela emerge como signo de diferença, construindo uma outra versão sobre os fatos em que a crítica à violência ao sistema patriarcal é um tema essencial no romance. Assim, o desejo feminino de outro corpo, mesmo decorrente, da legalidade matrimonial, torna-se signo de uma erótica fatal sobre a qual manifesta-se, apenas, a vontade patriarcal como definitiva. O mesmo destino violento que destrói Tancredo, é conferido também à Túlio, escravo recém liberto, por Tancredo que financia sua liberdade em agradecimento aos cuidados dispensados pelo jovem na época em que, vítima de um acidente, esteve convalescente em casa de Úrsula. Dessa forma, ao mesmo tempo em que a escritora problematiza a trajetória de seu eu individual, frente aos demais indivíduos na sociedade, também tenta problematizar as relações de Outros indivíduos frente a sua própria condição, numa sociedade em que a escravidão torna-se a principal mediadora das relações sociais. Procurando fugir o modelo maniqueísta de representação entre o branco e o negro, típico da visão

eurocêntrica, a sua condição como sujeito periférico permite que ela seja fiel ao seu próprio modelo de representação, apesar de sua "incômoda" posição como mulher, "agravada" ainda mais pelo desprestígio atribuído à cultura afro-brasileira. A escritora então, coloca-se numa a posição estratégica de fronteira, que a permite assumir e negociar a sua subalternização, através da elaboração de um discurso intelectual que se transforma em uma marca de comunicação entre o mundo colonizado do patriarca e do mundo dos demais sujeitos, que como ela, pertencem ao mundo da alteridade.

Inclinando-se ainda, sobre o texto de Maria Firmina dos Reis, percebe-se claramente as marcas diferenciadoras de seu discurso, que embora assinalado pelo discurso hegemônico dialoga com ele, através de uma retórica orientada para aceitar a linhagem do discurso colonial predominante, embora fazendo emergir um outro discurso como marca de diferença. São esses os traços de sua eventual agência, que transforma-se na sua própria história, assentada na relação trágica entre mulheres brancas, negras e homens negros que juntos compartilham o mesmo espaço de opressão. Nessa trama, a pena implícita a mulher não deixa de passar pelo papel perturbador que assinala a sua sexualidade, que mesmo não podendo ser direcionada "ao bom sexo", agraciado pelos laços do matrimônio, transforma-se em signo de uma erótica fatal. A enumeração da diferença no presente texto, se estabelece, por assim dizer, a partir de um vínculo de fronteiras que correlacionam os diálogos entre escritora e suas personagens negras e brancas, através das quais encontram-se assinalados os conflitos raciais, ideológicos e genéricos. Conforme já destacado em linhas anteriores, o mérito maior da narrativa em questão, deve-se a perspectiva de sua narradora essencializar, ao contrário da norma tradicional a fala e a perspectiva dos sujeitos subalternizados na narrativa,

Conforme salientou Eduardo de Assis Duarte, no discurso do narrador onisciente, o *negro é parâmetro de elevação moral*, tal fato, continua o crítico, "se constitui em verdadeira inversão de valores numa sociedade escravocrata, cujas elites difundiam teorias "científicas" a respeito da inferioridade natural dos africanos"[273]. Entretanto, acreditamos que particularizar a perspectiva do Outro, no período em que o romance foi escrito, equivalia, simbolicamente, sustentar um projeto de defesa da pluralidade dos sujeitos baseado acima de tudo na ética (como sugere a citação), capaz de suprimir toda e qualquer noção de desigualdade entre o sujeito e o objeto subalternizado, apesar do trauma da escravidão. Certamente, um desafio aberto à cultura dominante do período marcada pela posição masculina da Conquista.

-Senhor!-exclamou Túlio aceso em legítima cólera - que ação tão vil pratiquei eu algum dia que possa merecer-vos semelhante conceito?

-Estás louco, imbecil? Não vês que peço, quando podia mandar?

-Covarde! Brandou Túlio, esquecendo a pessoa com quem falava, e quanto essa palavra insultuosa o podia perder - matai-me muito embora, estou em vosso poder: mas não me insulteis! Não nunca esperei que protegesse o assassino, mormente contra aquele que me arrancou da escravidão!

-Cala-te! Interrompeu o comendador roxo de ira - Esqueces-te acaso de quem sou? Fechou os punhos, e dos lábios gotejou-lhe sangue; rugiu como uma onça, e arremesou-se sobre o negro. (204)

Com a mesma desenvoltura com que Maria Firmina enobrece o caráter de Túlio, tomando como modelo as virtudes de um cavaleiro medieval, notadamente a coragem, e a fidelidade, ela dota a personagem Susana de um senso crítico bem mais aprofundado e realista, especialmente quando ela, ao contrário de Túlio, mostra-se bastante cética sobre as facilidades de mobilidade social para um negro recém saído da escravidão, chegando até mesmo a ironizar a liberdade do alforriado.

-Tu! tu livre? Ah não me iludas! Exclamou a velha africana abrindo uns grandes olhos. Meu filho, tu és já livre?...

-Iludi-la!- respondeu ele, rindo-se de felicidade e para quê? Mães Susana, graças à generosa alma deste mancebo são hoje livre, livre como um pássaro, como as águas; livre como éreis na vossa pátria. Estas últimas palavras despertaram no coração da velha escrava uma recordação dolorosa; soltou um gemido magoado, curvou a fronte para a terra, e com ambas as mãos cobriu os olhos. Túlio olhou-a com interesse; começava a compreender-lhes os pensamentos [114-115].

Tais impressões na mente da velha escrava decorrem principalmente do traslado violento desde a África até a sua permanência no Brasil. Se a África permanece como o espaço de onde ela foi arrancada e onde permaneceram as suas raízes, o Brasil ao contrário, continuará sendo o lugar de seu suplício, permanecendo associada a ele através das pessoas que tornaram menos amarga a sua condição, como foram os casos da Sra. Luisa B., mãe de Úrsula e Túlio que criou desde menino. Ainda, de acordo com Zahidé Muzart, é mãe Susana que vai explicar a Túlio (...) o sentido da verdadeira liberdade, que não seria nunca a de um alforriado num país racista [266]. Em resumo, a personagem Susana incorpora também a memória do eu coletivo em suas histórias do aprisionamento e trajetória violenta para a América. Para o jovem Túlio, ao contrário, a África nada significa, a não ser o que ouviu falar da velha senhora, enquanto o Brasil passa a representar mesmo precariamente uma promessa de integração. Os dois depoimentos cruzam-se e separam-se na formação de uma memória simbólica que contribuirá presente na formação da memória afro-brasileira. Como um último exame crítico da narradora sobre os personagens afro-brasileiros, ela debruça-se sobre o velho africano chamado pai Antero. Ao contrário dos outros, pai Antero, carrega ainda mais, por ser alcoólatra, o peso da alienação e marginalização sócio-culturais do homem negro, que a narradora apresenta de forma bastante realista, sem, entretanto, aprofundar nenhuma tese de caráter ideológico ou de envolvimento sentimental, o que certamente não altera o mapeamento crítico sobre a opressão que a narradora faz sobre a questão como um discurso que certamente ultrapassa os domínios masculinos através da consciência e reconhecimento sobre as estruturas de poder e seus mecanismos de crueldade, opressão e violência. A tragédia final desencadeada com a morte de todos os personagens "bons" da narrativa, inclusive de sua heroína, atesta a internalização de um pessimismo que nada mais é do que a ausência real de uma solução para a problemática da violência sobre os fracos, sobretudo pela inexistência completa de justiça social. Na ausência dessa, resta apenas a "justiça" divina propiciada pela fé cristã que serve como uma resolução conclusiva do romance. Tal solução gratifica, de acordo com as palavras do padre, a boa Úrsula

com o céu e ao maligno comendador Fernando com inferno. Uma solução certamente adequada, como uma forma de justiça "esperada" na ausência da justiça terrena. Aliás, uma constante na sociedade na qual a escritora encontrava-se inserida.

Referências bibliográficas

Bora, Zélia M. (2002), *Naciones (Re)construídas: política cultural e Imaginación*. Universitas Castellae Coléccion "Cultura Iberoamericana" 10, Valladolid, Espanha.

Duarte, Eduardo de Assis (2004), "Maria Firmino dos Reis e os primórdios da ficção Afro-Brasileira", em: Posfácio, *Úrsula*. Editora Mulheres/PUC – Minas, Florianópolis/Belo Horizonte, p 273.

Mott, Maria Lúcia Barros (1988), *Submissão e resistência. A mulher na luta contra a Escravidão*. São Paulo, p. 61.

Muzart, Zahidé Lupinacci (1999), "Maria Firmina dos Reis", em: Muzart, Zahidé Lupinacci (org). *Escritoras Brasileiras do século XIX*, Ed. Mulheres, Santa Cruz do Sul, EDUNISC, p. 264-284.

Polar, Antonio Cornejo (2000), *O condor voa: literatura e cultura latino-americanas*, Editora UFMG.

Reis, Maria Firmino (2004), *Úrsula*, Editora Mulheres/PUC Minas, Florianópolis.

Schwarz, Roberto (1991), *Um Mestre na Periferia do Capitalismo: Machado de Assis*, Livraria duas Cidades, 2ª edição, São Paulo.